

PRÁTICAS LIBERTÁRIAS DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL ANARQUISTA DE SÃO PAULO (1933-1935 E 1947-1951).

ENDRICA GERALDO

INTRODUÇÃO

O anarquismo é um movimento composto por várias correntes que, tendo por princípio a liberdade do indivíduo, defende o fim da existência de qualquer forma de autoridade. No Brasil, durante as primeiras décadas deste século, as tendências que mais se desenvolveram foram o anarco - sindicalismo e o sindicalismo revolucionário. De acordo com essas tendências, a sociedade libertária ou anárquica seria formada a partir de uma ação revolucionária efetuada pelo proletariado, e começaria com a eliminação do Estado. Para tanto, os anarco - sindicalistas e os sindicalistas revolucionários procuravam organizar os trabalhadores através de associações de classe, sindicatos autônomos, os quais serviriam como base da organização da nova sociedade.

A historiografia a respeito do movimento anarquista no Brasil limitou-se, até poucos anos atrás, ao estudo de sua influência junto às organizações operárias nas duas primeiras décadas deste século. Com o afastamento entre o anarquismo e as organizações de classe no final dos anos 20 e começo dos 30, o movimento anarquista passou a ser considerado como extinto e "superado" por outros movimentos de esquerda, principalmente pelo comunismo. Recentemente, alguns autores como Yara Khoury¹ e Paulo Borges² procuraram recuperar novas dimensões desse movimento, mesmo após a década de 20.

¹ KHOURY, Y. M. A. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária - imprensa, memória e militância anarco - sindicalistas*. S. Paulo, tese de Doutorado, 1988.

² BORGES, P. E. B. *Jaime Cubero e o Movimento Anarquista em São Paulo, 1945 - 1954*. PUC-SP, dissertação de Mestrado, 1996.

Este estudo insere-se nessa tentativa de recuperar a atuação do movimento anarquista após o seu distanciamento do movimento operário. Para tanto, torna-se necessário conhecer a atuação do Centro de Cultura Social de São Paulo. Foi nesse espaço que se concentraram os militantes que continuaram ativos mesmo após o declínio do anarco - sindicalismo e do sindicalismo revolucionário.

O Centro de Cultura Social de São Paulo foi criado em 1933 pela militância libertária dessa capital. Este Centro de Cultura funcionou inicialmente nos anos de 1933 a 1937, quando foi fechado em consequência do golpe da criação do Estado Novo de Vargas. Reaberto em 2 de junho de 1945, interrompeu novamente suas atividades no dia 21 de abril de 1969, logo após a promulgação do Ato Institucional nº 5, durante o Governo Militar. Reabriu em 14 de abril de 1985, com a redemocratização, atuando até os dias de hoje.

Este artigo tem por objetivo identificar as práticas libertárias do Centro de Cultura durante os anos em que esteve funcionando conjuntamente com *A Plebe*: de 1933 a 1935 e de 1947 a 1951, utilizando esse periódico libertário como fonte. Nesse período, o Centro e *A Plebe* utilizavam-se da mesma sede, que se localizava em um sobrado da rua Quintino Bocaiúva, n. 80, no Brás. Por esse motivo, *A Plebe* divulgou informações sobre o Centro com muito mais frequência do que outros periódicos libertários da época, como o *Ação Direta*, editado no Rio de Janeiro.

Nos anos 30, na mesma sede do Centro de Cultura e de *A Plebe*, funcionou também a Federação Operária de São Paulo (Fosp), de caráter anarco - sindicalista, reunindo um grupo de militantes comuns entre eles.

Partindo de artigos e anúncios publicados em *A Plebe*, buscamos analisar as atividades realizadas pelo Centro de Cultura Social e, em seguida, o desenvolvimento dessas práticas pela militância libertária, numa tentativa de traçar a trajetória dessa militância ao longo do período delimitado.

Procuraremos mostrar que, na primeira fase de existência do Centro de Cultura, a influência do anarco - sindicalismo, o contato com os trabalhadores através da proximidade com a Fosp e o combate movido contra o movimento integralista brasileiro direcionaram a atuação da militância anarquista reunida nesses grupos. Na segunda fase, o afastamento entre os libertários e o movimento operário ocasionou algumas mudanças nas atividades do Centro de Cultura Social. No entanto, os discursos, os instrumentos e o conteúdo de suas práticas pouco mudaram.

As práticas militantes desenvolvidas através dos núcleos citados acima possibilitaram a construção e transmissão da memória do movimento anarquista no Brasil, entre gerações distintas de libertários, isto é, a que fundou o Centro em 1933, e a que ingressou ainda jovem em 1945.

ATIVIDADES DIVULGADAS DE 1933 A 1935

As práticas culturais e libertárias anunciadas em *A Plebe* nesse período eram associadas a um ou mais dentre os três núcleos libertários: o Centro de Cultura Social, *A Plebe* e a Federação Operária de São Paulo (Fosp). Em geral, as reuniões sindicais realizadas por associações autônomas de classe, que seguiam os princípios do anarco - sindicalismo ou do sindicalismo revolucionário, apareciam associadas à Fosp; os festivais organizados para arrecadação de recursos financeiros para a publicação de *A Plebe* traziam o nome do periódico; e as palestras, cursos, atividades culturais e educativas, e mesmo manifestações públicas e alguns festivais, eram associados ao Centro de Cultura Social.

Esses núcleos eram dirigidos por comissões compostas de membros eleitos em Assembléias pelos militantes associados, os quais realizavam o que se entendia por "ação direta", ou seja, procuravam atuar junto à sociedade, organizando reuniões sindicais, periódicos libertários, panfletos, manifestações públicas e greves, com o objetivo de reunir os trabalhadores em organizações autônomas de classe. Com isso, os militantes buscavam preparar o proletariado para uma ação revolucionária libertária.

A realização de palestras e conferências foi a prática mais freqüente do Centro de Cultura nessa sua primeira fase de existência. Essas exposições eram práticas de propaganda, através das quais os anarquistas visavam atingir militantes e interessados.

As palestras, como a maioria das atividades promovidas por esses núcleos libertários, eram gratuitas. Para a arrecadação de fundos, os militantes do Centro de Cultura organizavam as listas de adesão³, de

³ A direção do Centro de Cultura organizava as chamadas "listas de adesão", através das quais os "companheiros" e simpatizantes do movimento contribuía financeiramente para a manutenção desses núcleos. Ver *A Plebe*, 28/01/33.

contribuição, os bingos e os festivais. Com isso, os anarquistas buscavam tornar essas atividades acessíveis aos trabalhadores.

Algumas vezes, *A Plebe* sequer divulgava o tema a ser abordado nas exposições orais, limitando-se a indicar que se tratava de uma "palestra social"⁴. Em outros anúncios, no entanto, podemos ter uma idéia das temáticas que eram debatidas através dos títulos dessas conferências, como "O perigo espiritualista"⁵, as "Escolas proletárias", "Sindicalismo"⁶, "Insurreição espanhola"⁷, "Abaixo o fascismo"⁸, "Religião e fascismo", "Pela emancipação da mulher"⁹, "Os problemas sociais" e a "Nova sociedade"¹⁰.

Os festivais libertários eram organizados para arrecadar fundos, destinados, na maioria das vezes, à publicação de *A Plebe*, que não veiculava propagandas comerciais como os outros jornais, e procurava vender os exemplares por preços baixos para garantir a sua divulgação e acesso aos interessados. A organização dos festivais também era feita por um dos três núcleos citados.

Os festivais eram compostos, principalmente, por apresentações do Grupo Teatral do Centro de Cultura, formado por militantes e simpatizantes do movimento libertário. As apresentações teatrais eram, geralmente, acompanhadas por orquestras, palestras, números de canto, mágica e poesia, como na programação a seguir:

1º - Abertura pela orquestra.

2º - Conferência pelo estudante sr. C. Campos, que dissertará sobre o seguinte tema: AS REVOLUÇÕES SÃO PACÍFICAS.

3º - Representação do drama em um ato, de Gigi Damiani, intitulado VIVA RAMBOLOT.

⁴ *A Plebe*, 29/07/33.

⁵ AP, 04/02/33.

⁶ AP, 07/01/33 e 11/02/33.

⁷ AP, 17/01/33.

⁸ AP, 11/02/33.

⁹ AP, 04/03/33.

¹⁰ AP, 14/01/33.

4º - *Será levada à cena a hilariante comédia A DERROCADA.*

5º - *CASAR OU NÃO CASAR - engraçadíssimo diálogo por Marcos Corti e L. Chiarelli.*"¹¹

As apresentações acima referem-se a um festival programado para acontecer no salão da Fosp, em setembro de 1934, cujo objetivo era a confraternização das "famílias proletárias" da capital. Os anúncios divulgavam, muitas vezes, apenas as apresentações teatrais, resumindo as outras atividades em "atos de variedade"¹². As programações eram extensas, seguindo as tradições das práticas culturais anarquistas desenvolvidas desde o começo deste século¹³.

Ao difundir os princípios anarquistas, o teatro militante deveria constituir uma alternativa e uma contestação ao teatro que era vinculado, segundo os libertários, às instituições opressoras e exploradoras do operariado¹⁴.

As chamadas sessões comemorativas eram palestras a respeito de uma data considerada importante para o movimento anarquista. Em 17 de março de 1934, por exemplo, o periódico anunciou uma sessão sobre a "Comuna de Paris", com os oradores G. Soler e Hermínio Marcos, no salão da Federação Operária¹⁵. A "Comuna de Paris" era um tema apresentado como exemplo de prática revolucionária.

Na celebração do Primeiro de Maio, Dia do Trabalho, havia sessões comemorativas e a edição de *A Plebe* era "especial", maior que a normal, trazendo, todos os anos, a história dos Mártires de Chicago, o grupo de anarquistas que foi condenado à morte, nos Estados Unidos, durante o movimento pela jornada de oito horas de trabalho¹⁶.

As palestras também podiam ser organizadas fazendo referência a algum anarquista famoso, como Malatesta, que foi tema de uma palestra anunciada para o dia 22 de julho de 1933. Os militantes anarquistas

¹¹ AP, 01/09/34.

¹² AP, 18/02/33.

¹³ Ver HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão!* São Paulo, Brasiliense, 1984.

¹⁴ AP, 01/09/34.

¹⁵ AP, 17/03/34.

¹⁶ Sobre Mártires de Chicago, ver AP, 12/05/34 e 27/04/35.

defendiam a teoria do comunismo anárquico de Malatesta em que "cada um dá segundo sua capacidade e cada um recebe segundo as suas necessidades", em artigos intitulados, por exemplo, como "Pontos de Doutrina"¹⁷. A defesa dessa proposta aparece em várias edições, e os próprios editores se apresentavam como comunistas anarquistas.

Em 23 de setembro de 1933, *A Plebe* anunciou a realização de sessões semanais de leituras comentadas, abordando "assuntos da atualidade e científicos" durante um ciclo de conferências. Na sessão do dia 28, foi lido o "Sofisma Anti-Idealista de Marx" do livro *Filosofia de uma Dignidade Humana*, de Pablo Gile, seguido de debate e discurso de G. Soler sobre "problemas humanos". Essa atividade doutrinária parece ter-se restringido ao grupo de militantes e, pela ausência de novos anúncios, não teve continuidade.

As manifestações públicas eram defendidas, pelos libertários, como prática de "ação direta". O Centro promoveu um ato público de protesto no aniversário da assinatura do "vergonhoso" Tratado de Latrão, feito entre o governo fascista italiano de Mussolini e a Igreja Católica. Este ato foi programado para o dia 11 de fevereiro de 1933, tendo como oradores os militantes Bixio Piccioti, Florentino de Carvalho e Francisco Cianci¹⁸.

A Federação Operária de São Paulo - Fosp - foi fundada em 1906, e reorganizada em 1931¹⁹. *A Plebe* e a Federação já desenvolviam atividades culturais antes da fundação do Centro de Cultura Social em 1933.

As assembléias e reuniões das Ligas ou Uniões Sindicais, organizadas por ramo de atividade e filiadas à Fosp, tratavam dos problemas de sua classe e da eleição de novos líderes de cada uma das associações, organizando manifestações de protestos e denúncias contra medidas patronais e governamentais consideradas como prejudiciais aos trabalhadores.

Entre os sindicatos que anunciavam em *A Plebe* as reuniões e assembléias realizadas na sede da Fosp e, portanto, no mesmo prédio do Centro de Cultura, encontravam-se os seguintes: União dos Operários em

¹⁷ AP, 25/05/33.

¹⁸ AP, 11/02/33.

¹⁹ AP, 20/07/35.

Fábricas de Tecidos de São Paulo, Liga Operária da Construção Civil, União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas, Sindicato dos Manipuladores de Pão e Anexos, União dos Operários Metalúrgicos, entre outros.

A Federação Operária buscava, ainda na década de 30, desenvolver a autonomia sindical nas organizações operárias. Os sindicatos a ela filiados já não eram tão numerosos, e mesmo os que ainda atuavam sofriam o afastamento dos trabalhadores de suas assembléias e atividades²⁰. Presentes em quase todas as edições de *A Plebe*, os anúncios desses sindicatos dirigiam-se aos trabalhadores, salientando a importância de sua presença nas assembléias e reuniões e procurando, dessa forma, "incrementar o movimento associativo da classe"²¹.

Em 1935, contudo, a Fosp teve de mudar de sede, num período em que a repressão policial aumentava nitidamente, com invasões do local, depredações e prisões de militantes. Mesmo no novo endereço, a Federação Operária acabou sofrendo novamente uma invasão policial.

ATIVIDADES DIVULGADAS DE 1947 A 1951

Com o fim do Estado Novo, o Centro de Cultura Social e o periódico *A Plebe* retomaram as suas atividades nos anos de 1947 a 1951, na sede que passou a ser na rua José Bonifácio, n. 386. Nesse período, entretanto, já se encontravam desvinculados das associações de classe. Pelo periódico, pode-se notar as transformações sofridas pelo movimento e também a permanência de certos discursos e meios de atuação.

²⁰ Esse afastamento teria ocorrido, segundo Angela Araújo, devido a fatores como o projeto corporativista de sindicalização desenvolvido pelo Estado, através da promulgação de leis sociais, e também devido à concorrência de outras correntes de esquerda. Segundo a autora, as Ligas que se reuniam na sede da Federação Operária o faziam porque não tinham organização e recursos suficientes para manter sua própria sede. Sobre isso ver ARAÚJO, A. M. C. *Construindo o Consentimento: Corporativismo e Trabalhadores no Brasil dos Anos 30*. Campinas - Unicamp, tese de Doutorado em Ciência Política, 1994.

²¹ AP, 26/05/34.

As atividades desenvolvidas nessa segunda fase são mais restritas e com menos variedade que na fase anterior, limitando-se a conferências, apresentações teatrais e cursos que passaram a abordar, como veremos, cada vez menos os temas sindicais.

A realização de conferências no Centro de Cultura Social continuou como o principal e mais freqüente instrumento de divulgação e propaganda dos princípios anarquistas.

A prática das palestras e conferências do Centro, nesse período, tem seus personagens marcantes, como Mário D. Santos, que, pelo que se constata a partir dos anúncios de *A Plebe*, foi o que mais apresentou palestras nestes cinco anos que estão sendo abordados. Jaime Cubero, que foi militante e secretário do Centro desde sua reabertura em 1945, afirma que, nos casos em que o conferencista convidado não comparecia, M. Santos fazia a substituição, falando sobre qualquer assunto que pudesse interessar à platéia:

*"Mário Santos era uma figura extraordinária. Ele fazia as palestras lá no Centro... Naquela época tinha os conferencistas que eram programados, mas nunca se ligava muito, porque existia o Mário Santos. Quando ele estava lá, não se ligava muito se o conferencista ia ou não ia, ou se tinha convidado programado ou não. A sala sempre cheia... não sobrava lugar sentado no Centro, de tanta gente."*²²

Outros nomes apresentados como oradores eram Pedro Dantas, Luca Gabriel, Liberto Reis, Dra. Anita Carrijo, Osvaldo Salgueiro, Freitas Nobre e Edgard Leuenroth. Entre eles havia médicos, professores, jornalistas, técnicos e operários, entre outros.

Em um anúncio de janeiro de 1948, nota-se uma tentativa de organizar as sessões promovidas, com as conferências passando a ser realizadas na rua Libero Badaró, e as reuniões de associados do Centro na sua própria sede²³.

²² Jaime Cubero, entrevista concedida em 29 outubro de 1994.

²³ AP, 15/01/48.

O objetivo das reuniões, em geral, era aproximar as famílias de "camaradas" entre si e estabelecer o seu contato com estudiosos e profissionais que se dispunham a palestrar ou ensinar assuntos relacionados aos interesses culturais do Centro. Com isso, pretendia-se oferecer aos freqüentadores acesso a conhecimentos e à possibilidade de desenvolvimento cultural, visando a uma educação resistente à "doutrinação" ou "alienação" capitalista, e também a uma dedicação à prática e à defesa dos princípios anarquistas.

Os cursos promovidos pelo Centro de Cultura Social foram muito mais freqüentes nessa fase, procurando oferecer ao seu público uma cultura e ensino alternativos aos institucionalizados.

Os dois principais cursos desenvolvidos nessa fase eram os de Esperanto e os de Higiene Mental. A "língua da humanidade", como era chamado o Esperanto, expressava um dos ideais do movimento libertário, o internacionalismo, isto é, a busca da confraternização de todos os povos através de uma só língua numa única sociedade libertária, sem fronteiras, sem "guerras imperialistas" e sentimentos nacionalistas.

A Universidade Popular Presidente Roosevelt²⁴ e o Centro de Cultura Social promoveram, em julho de 1947, um curso constituído de dez palestras sobre o que chamavam de "higiene mental", apresentado por médicos do Centro de Estudos Franco da Rocha. Essas sessões eram realizadas no Salão do Grêmio Dramático Hispano-Americano e eram antecedidas de exibições de filmes. As palestras programadas para agosto tinham como títulos: "Higiene mental e desajustamentos", "Higiene mental e orientação profissional", "Higiene mental e os assim chamados vícios sociais" e "Higiene mental e arte." Em setembro os temas seriam "Higiene mental e religião", "Higiene mental e política" e "Higiene mental e civilização"²⁵.

²⁴ Segundo Paulo Borges, a Universidade Popular Presidente Roosevelt resultou dos contatos entre o Centro de Cultura Social e alguns intelectuais, estes não necessariamente anarquistas, mas com interesses em oferecer uma oportunidade de estudo a indivíduos que já houvessem realizado o ginásio, mantendo uma atividade educacional. Essa Universidade visava à formação desses indivíduos em áreas de conhecimento, como português, sânscrito, matemática e história, entre vários outros. BORGES, P., op. cit., pp. 144-145.

²⁵ AP, 01/08/47.

Como palestrantes, foram apresentados os seguintes nomes: Dr. José Angelo Gaiarsa, Dr. Pedro da Silva Dantas, Dr. Francisco Tancredi, Dr. Octavio Luiz Barros Salles, Dr. Ernani Borges Carneiro, Dr. José Maria Cabral de Vasconcelos, Dr. Osório César, Dr. Anthero Barata, Dr. José Longman e Dr. Hilton Neves Tavares.

Os comentários posteriores publicados em *A Plebe* sobre esses cursos expressam a finalidade de desenvolver uma aproximação entre profissionais, intelectuais e os "meios populares", gratuitamente.

Os festivais caracterizam-se, nessa segunda fase, pela execução de um ou mais espetáculos teatrais, acompanhados de outros tipos de apresentações, como números musicais, bailes, recitativos, poesias, palestras e jogos ou brincadeiras destinados a entreter toda a família, inclusive as crianças.

Assim como no período anterior, era grande a importância dada às atividades teatrais durante os festivais, pois nas programações as outras atividades podiam aparecer resumidas como "ato variado". Algumas das peças teatrais apresentadas tinham como autores: Gigi Damiani, Pedro Catallo, Hernani Fornari, Florentino Sanches, Dario Nicodemi e W. Somerset Maughan.

Os espetáculos de maior sucesso tendiam a ser repetidos em outros anos, onde possivelmente o mesmo grupo de pessoas as assistiam, tornando-se clássicas para esse grupo, como a peça *Nada*, de Hernani Fornari, que seria reapresentada no Salão do Grêmio Dramático Hispano-Americano, em maio de 1949:

"(...) Dado o completo êxito que esta peça alcançou quando foi representada, no ano passado, pelo mesmo conjunto, é de se esperar que os amigos e sócios do Centro de Cultura Social tenham mais uma noite de arte com a realização desse festival, que contará, além da reapresentação da peça de Hernani Fornari, com escolhido ato de variedades."²⁶

Os Mortos de Florentino Sanches foi encenada duas vezes no mesmo ano, em abril e depois em julho de 1949. Os militantes *comentavam* orgulhosamente as apresentações do grupo de jovens que atuavam no teatro

²⁶ AP, 01/05/49.

do Centro, os quais "roubam parte do tempo destinado ao repouso das labutas de proletários para se dedicarem ao amadorismo teatral, em benefício da educação popular"²⁷.

Os festivais eram organizados, como no primeiro período, para propiciar uma arrecadação financeira. Em alguns casos, a arrecadação era voltada a um militante que se encontrava enfermo e em fase de tratamento, provocando nos companheiros um gesto de solidariedade. *A Plebe* continuava a se manter com dificuldades, apenas com contribuições de militantes ou simpatizantes voluntários, e com a venda dos exemplares por um preço considerado acessível aos trabalhadores.

Outra forma de arrecadação, além dos festivais, era feita através de contribuição dos sócios e de simpatizantes voluntários, na sessão do "Correio Plebeu", em que o jornal respondia cartas recebidas de várias partes do país, agradecendo inclusive o envio de contribuições financeiras para *A Plebe* e para o Centro, muitas vezes em troca do envio de material de propaganda ou edições do periódico²⁸.

A Plebe apresentava cada vez mais anúncios que indicavam a crise financeira vivida pelo grupo editor, a qual provocou a diminuição da periodicidade de sua publicação. Com isso, o movimento passou a enfrentar uma maior dificuldade para manter seus instrumentos e suas atividades de caráter libertários.

ATUAÇÃO DO CENTRO JUNTO À FOSP E A *A PLEBE*, NOS ANOS 30

A ligação entre o Centro de Cultura Social e a Fosp determinou certos objetivos e caminhos percorridos pelo Centro durante toda a primeira fase pesquisada, marcada ainda pela defesa e prática da *ação direta*, através de manifestações, assembléias sindicais e protestos contra os movimentos autoritários, principalmente o integralismo.

As propostas do Centro apresentadas nesse primeiro período em *A Plebe* foram marcadas pela presença da imagem do operariado. Não só

²⁷ AP, 21/02/48.

²⁸ AP, 01/08/47.

porque as reuniões da Fosp se realizavam no mesmo local, mas porque ainda eram relativamente recentes as manifestações e organizações operárias marcadas pela influência anarquista.

Apesar de, na prática, se realizar um distanciamento acentuado entre o movimento libertário e as organizações operárias, o trabalhador ainda esteve presente durante o período tratado, no discurso da militância, provavelmente mais do que no movimento. Vejamos o comentário a respeito da criação do Centro:

*"A 14 do corrente, realizou-se a inauguração desta entidade de cultura social, e, da sua obra, esperamos resultem benefícios para o progresso social e moral dos trabalhadores manuais e de todos que queiram dela se beneficiar."*²⁹

Em primeiro lugar, o discurso dos militantes do Centro de Cultura dirigia-se aos "trabalhadores manuais", mas existia já um espaço para "todos" os que pudessem se interessar, na tentativa de atingir outros grupos ou indivíduos que não o operariado. O objetivo desses militantes era, ainda, atingir um público operário (já que estes seriam os responsáveis, de acordo com os princípios anarquistas, pela revolução social e libertária), através das palestras, das reuniões de propaganda e da ação direta, vale dizer, através da organização e de manifestações de protesto e greves, entre outros, na tentativa de difundir os princípios anarquistas, de educar para o movimento libertário.

Nos discursos apresentados em *A Plebe*, o trabalhador é visto como o agente da sociedade anárquica. Em abril de 1933, *A Plebe* apresenta um manifesto chamado "As Bases Fundamentais dos Princípios Libertários", onde a transformação social libertária é apresentada como uma tarefa do proletariado, em afirmações como "a destruição de todo poder político é o primeiro dever do proletariado", ou "para a realização da Revolução Social, os proletários de todos os países devem estabelecer, fora de toda a política burguesa, ou de qualquer outra, a solidariedade da ação revolucionária"³⁰.

²⁹ AP, 28/01/33.

³⁰ AP, 29/04/33.

Estes seriam os responsáveis pela construção e formação da nova sociedade, a sociedade libertária, através da ação revolucionária.

Por outro lado, a questão da libertação individual também está presente. Outros, que não necessariamente os operários deviam, de acordo com essa militância, se interessar pelo Anarquismo.

"(...) Esperamos que continuem a dar-nos sessões como aquela e que seus administradores procurem, mesmo fora do nosso meio, pessoas capazes de tratar teses que possam interessar e concorrer para a instrução e cultura de todos."³¹

Aqueles que conheciam os princípios deviam transmiti-los à classe trabalhadora, educando-a e doutrinando-a. Esses oradores que deveriam vir "mesmo fora do nosso meio" representam os intelectuais ou estudiosos de questões "científicas".

Educar e preparar essa classe para a organização autônoma e para a "ação direta", ou seja, para as manifestações e agitações revolucionárias, era dever da militância. A propaganda e divulgação das idéias e a educação libertária constituíam, para os libertários, o caminho para a preparação do operariado.

As temáticas abordadas nessas atividades indicam a preocupação do grupo militante com as questões de organização de classe, como notamos no título da conferência "O Sindicalismo como obra da Revolução, assunto de palpitante atualidade sobre o movimento social" e continuando em outro dia com o tema "Como entendemos a Revolução". Várias reuniões foram dedicadas à defesa do sindicalismo e da revolução social. Os convidados para essa conferência eram os "estudiosos" e "especialmente" o proletariado³².

Essa era uma das relações a serem traçadas entre "estudiosos" e a classe operária, como um complemento ao trabalho de doutrinação dentro do sindicato. Era nesse caminho que a cultura deveria seguir.

³¹ Idem.

³² AP, 10/02/34.

TRAJETÓRIA DA MILITÂNCIA LIBERTÁRIA DO CENTRO DE CULTURA SOCIAL

As conferências eram vistas como instrumentos de propaganda e ensino, além do momento de reunião e convívio entre seus freqüentadores. Nota-se também, nos artigos e anúncios de *A Plebe*, alguns nomes da militância libertária que marcaram presença nas atividades do Centro de Cultura, como Souza Passos, G. Soler e o socialista Picarolo. No dia 8 de dezembro de 1934, além de uma conferência com G. Soler sobre "A Nova Sociedade - Por Uma Consciência Nova", foi programada uma eleição da comissão executiva, acompanhada de uma "detalhada exposição" do que estava sendo realizado pelo Centro de Cultura Social³³.

Valorizadores da cultura e da educação como meios de transformação social, os militantes do Centro de Cultura atuavam também na organização de escolas para os trabalhadores, como na sede da "sucursal" do Brás do Sindicato dos Manipuladores de Pão, Confeiteiros e Similares, onde estavam sendo realizadas aulas noturnas promovidas pela "Comissão das Escolas Modernas", em agosto de 1934³⁴.

No dia 27 de maio de 1933, foi publicado um comentário sobre o festival da semana anterior, em benefício de *A Plebe*, que foi realizado no salão da Federação Espanhola, caracterizado como sendo um dos grandes salões da cidade, e que, mesmo assim, não comportou a "verdadeira multidão de famílias de camaradas, de amigos e simpatizantes" que lá compareceu. O comentário acrescenta que "várias centenas de camaradas com as respectivas famílias" não puderam entrar no salão e tiveram que ir embora. Afirma-se também que, apesar da lotação e do calor, as pessoas assistiram por uma hora uma apresentação de Maria Lacerda de Moura sobre os "horrores" da guerra. Após a palestra, o grupo "Teatro Social" apresentou o drama *O Vagabundo*, que teria sido muito aplaudido³⁵. Ou ainda como vemos nesse comentário sobre um festival da Federação Operária:

³³ AP, 08/12/34.

³⁴ AP, 04/08/34.

³⁵ AP, 27/05/33.

*"Foi além de toda a expectativa o festival. O salão ficou apinhado e todas as partes do programa foram executadas com a maior boa vontade e o melhor desempenho possível (...)."*³⁶

A partir dessas descrições, podemos supor que o grupo freqüentador dessas atividades, nesse período, contava com um número relativamente grande de pessoas, como no comentário de abril de 1934, sobre um festival de *A Plebe*, que afirmava que o salão tinha estado *"apinhado, o entusiasmo se manifestava em todos os que ali acorreram para prestar solidariedade ao nosso jornal"*³⁷.

Defendendo a importância do teatro militante, o chamado teatro social, o militante J. Carlos Bóscolo afirmou:

"O teatro social, porém - embora sabotado pelas instituições clero-capitalistas que sustentam os mentores da literatura cênica atual - será essa tênue mas viva nesga de luz, que, rompendo a custos as trevas do obscurantismo das consciências ainda adormecidas, penetrará nas forças cripto-psíquicas dos indivíduos, para torná-los homens e não feras". (Trecho de uma conferência realizada pelo autor no Salão das Classes Laboriosas, no festival de *A Plebe*).³⁸

Em agosto de 1933, foi divulgado o programa de um festival promovido pela diretoria do Centro de Cultura Social, realizado no salão Celso Garcia, no dia 26, onde a abertura foi feita por uma "jazz-band" da Associação Promotora de Instrução e Trabalho para Cegos, seguida de uma conferência, de uma representação do drama intitulado *Depois do Crime* e, por fim, um ato de variedade³⁹.

No entanto, o orador da palestra foi substituído em relação à programação anterior, pois, em 12 de agosto, foi anunciado que o professor Mamede Freire faria a conferência. A parte teatral era imprescindível, indicando a sua crescente valorização e desenvolvimento do grupo teatral do Centro, o Grupo Teatro Social, cujos interessados em participar, deveriam

³⁶ AP, 11/03/33.

³⁷ AP, 14/04/34.

³⁸ AP, 01/09/34.

³⁹ AP, 26/08/33.

procurar o "camarada" Marino Espanholo, na avenida Celso Garcia, número 506:

*"Os componentes deste núcleo de esforçados camaradas aceitam adesões de amigos e simpatizantes afeiçoados à arte de representar, que queiram ingressar no seu quadro de amadores, a fim de ampliar a sua obra e de apresentar um conjunto o mais homogêneo possível em suas representações."*⁴⁰

Além disso, havia uma grande freqüência nas reuniões sindicais relacionadas à Federação Operária, as quais também podiam envolver atividades como palestras e, no caso que citamos abaixo, com grandes líderes do movimento anarquista de São Paulo e do Rio de Janeiro. Segundo o comentário, o Sindicato dos Manipuladores de Pão e Confeiteiros, filiados à Federação Operária, havia se reunido no domingo, dia 19 de março de 1933, em uma assembléia extraordinária, onde o professor José Oiticica realizou uma "animada" palestra, seguido pelo camarada Edgard Leuenroth, que procurou "esclarecer" à assistência sobre as questões Operária e Social.⁴¹

Essas atividades mostram ainda algum contato entre essa militância e o operariado. Além disso, eram periódicas as reuniões sindicais de classes. Nestes discursos, podemos perceber uma preocupação muito forte com o distanciamento desses operários em relação ao movimento, e com decadência da autonomia sindical, como em uma convocação de reunião promovida pela Liga Operária da Construção Civil, que seria no dia 27 de maio de 1934, no sobrado do Centro, onde se chamava a atenção para a "necessidade de ativar a propaganda"⁴².

Várias Ligas ou Uniões trabalhistas, filiadas à Fosp, apresentavam anúncios de suas reuniões de propaganda em praticamente todas as edições do periódico. De acordo com um anúncio de 27 de janeiro de 1934, o salão da Federação Operária sofreu uma reforma que terminou no início desse referido ano, englobando a construção de um palco, limpeza geral e o

⁴⁰ AP, 11/02/33.

⁴¹ AP, 25/03/33.

⁴² AP, 26/05/34.

concerto do assoalho. A construção do palco é apresentada como um preenchimento de uma "lacuna" do salão. No dia 10 de janeiro, o salão foi reinaugurado com uma pequena programação que não foi especificada⁴³. No entanto, em abril de 1935, a Comissão Executiva da Federação Operária anunciou a necessidade de sua mudança de sede, porque o prédio seria demolido⁴⁴.

Nesse período, o principal alvo dos anarquistas eram os movimentos autoritários. Não só atacavam o fascismo, mas o nazismo, o comunismo e, principalmente, o integralismo. E uma das manifestações públicas promovidas pelo Centro de Cultura realizou-se em outubro de 1934, na qual os anarquistas se confrontaram com os integralistas na Praça da Sé⁴⁵. Sobre esse confronto, Jaime Cubero defende a importância da atuação dos anarquistas:

*"Saiu um tiroteio tamanho! Morreram seis pessoas, muitos foram feridos e os integralistas debandaram. Era um tal de tirar a camisa verde.... E isso foi feito no Centro de Cultura Social, na Federação Operária de São Paulo. Agora eles [outras correntes de esquerda] inventam que houve uma Frente Única, com outras tendências contra os fascistas. O Centro era a base onde o pessoal se reuniu."*⁴⁶

As práticas culturais eram comuns entre os grupos libertários e a criação do Centro de Cultura não foi um novo caminho traçado a partir de 1933, mas um instrumento do movimento que a militância conseguiu manter ativo, mais do que outros, frente à nova conjuntura sindical. Essas práticas, inclusive as teatrais, já eram realizadas desde os anos anteriores, por outros núcleos e também divulgados em *A Plebe*⁴⁷.

⁴³ AP, 27/01/34.

⁴⁴ AP, 27/04/35.

⁴⁵ AP, 13/10/34.

⁴⁶ Jaime Cubero, op. cit., 29 de outubro de 94.

⁴⁷ HARDMAN, Francisco Foot. Op. cit.

Todos esses grupos tiveram que interromper suas práticas durante o período de crescente censura e repressão do Governo Vargas. O Centro volta à ativa em 1945⁴⁸, e *A Plebe* apenas em 1947, onde se reinicia nossa pesquisa. A maioria das práticas continuaram as mesmas da fase anterior, com palestras e festivais, basicamente, mas os cursos foram as atividades mais desenvolvidas nessa segunda fase.

Após um certo período, a organização acabou estabelecendo uma distinção entre as reuniões realizadas às segundas e aos sábados, prosseguindo sua obra de "educação popular" ao tratar de temas de "caráter social, científico, artístico, etc." Aos sábados eram organizadas conferências públicas, sobre diversos assuntos com oradores de "diversas orientações" e essas passaram a ser apresentadas no salão da rua Libero Badaró, nº 386, e às segundas-feiras, também às 20 horas, na sede do Centro de Cultura, eram realizadas as reuniões de sócios para debates sobre "assuntos da atualidade", relacionados com o movimento social⁴⁹.

Todos os sábados, o Centro realizava suas "sessões culturais". Em setembro de 1947, por motivo de comemoração à data 20 de setembro, de teor anticlerical e antifascista, e que também ocorreu em um sábado, foram realizadas duas conferências⁵⁰.

As reuniões eram periódicas, no Centro, e, em 1948, aconteceram algumas mudanças, segundo o comunicado de junho de 1948 de *A Plebe*. As conferências semanais do Centro de Cultura passariam a ser realizadas em locais diversos, sendo que no mês de julho seria apresentada uma palestra sobre a sífilis, com exibição de quadros e de um filme "apropriado", na Galeria Prestes Maia, enquanto que, na sede do Centro, continuariam a ser realizadas as palestras que tivessem por temas assuntos relativos aos "acontecimentos do momento", e que seriam acompanhadas de debates⁵¹.

O "cooperativismo" e sua utilidade imediata foram temas de alguns debates apresentados entre janeiro e fevereiro de 1948, conduzidos por Lucca Gabriel e Liberto Reis⁵². Por outro lado, recusavam abertamente

⁴⁸ Segundo Jaime Cubero, o Centro reabriu em 1945, com cerca de 150 sócios.

⁴⁹ AP, 15/01/48.

⁵⁰ AP, 15/09/47.

⁵¹ AP, 02/06/48.

⁵² AP, 21/02/48.

qualquer discussão sobre "questões político-partidárias", indicando que, provavelmente, essas idéias apareciam em debates durante as reuniões⁵³.

Edgard Leuenroth, importante militante anarquista e fundador do Centro de Cultura Social, também continuou a palestrar nesse período de funcionamento do Centro de Cultura, onde conviveu com uma nova geração de libertários, responsáveis pela manutenção e conservação do Centro até a atualidade. Um exemplo da nova geração que ingressa na militância nesse período é, como já citamos, Jaime Cubero, que se refere, em seus depoimentos, ao vínculo estabelecido com o grupo responsável pela fundação do Centro de Cultura:

"Convivi muitos anos com os fundadores do Centro de Cultura, como o Pedro Catallo e o Rodolfo Felipe. (...) Eu conheci essas pessoas, e eles me passaram muita coisa, quando eu era jovem. Passava horas conversando sobre a greve de 17 [com Edgard Leuenroth], sobre o próprio movimento, coisa que nem se publicava, ele e outros militantes."⁵⁴

Nessa fase, os cursos se tornam uma prática direcionada aos meios intelectuais e classes médias, e não mais aos "operários", uma prática de divulgação dos princípios libertários e não mais uma conscientização para a transformação social idealizada na "Greve Geral" associada ao proletariado⁵⁵.

Em junho de 1947, *A Plebe* anunciou a realização de um curso gratuito de esperanto, oferecido aos companheiros e simpatizantes do movimento "social-proletário"⁵⁶. Este curso foi realizado nas noites de quarta-feira em uma das salas do Centro de Cultura. Em outubro de 1947, outro anúncio diz que o curso estava sendo ministrado pelo Grupo Laborista Esperantista Kolturo, oferecido aos "trabalhadores de ambos os sexos"⁵⁷. No ano

⁵³ AP, 21/02/48.

⁵⁴ Jaime Cubero, op. cit., 29 de outubro de 1994.

⁵⁵ SIMÃO, Azis. "Os Anarquistas: duas gerações distanciadas". *Tempo Social; Rev. Sociol.*, USP, S. Paulo, 1(1): 1º sem. 1989.

⁵⁶ AP, 15/06/47.

⁵⁷ AP, 01/10/47.

seguinte, em março, também são encontrados anúncios confirmando a continuidade do curso, semanal e gratuito⁵⁸.

Em junho, o mesmo grupo Laborista Esperantista prosseguia nas aulas de quartas-feiras, patrocinado pelo Centro de Cultura Social⁵⁹. O jornal anuncia, inclusive, cursos de Esperanto realizados em outros lugares, como o realizado no Rio de Janeiro por um grupo chamado Laborista Esperantista Asocio, que acabara de se "restabelecer"⁶⁰. Até em 1950, encontramos registros do ensino gratuito do Esperanto no Centro de Cultura, e de outras disciplinas como português e literatura, "*com o propósito de incrementar no seio das classes trabalhadoras o desejo de aprender, pondo ao seu alcance as possibilidades de uma elevação do nível intelectual*"⁶¹.

Os cursos de "higiene mental", como já vimos no capítulo anterior, foram ainda mais numerosos, como o curso promovido em cooperação pelo Centro de Cultura e a Universidade Popular Presidente Roosevelt, que se iniciou com a palestra do Dr. Mário Yahn, sobre o tema "A importância da higiene mental na sociedade", no dia 14 de julho de 1947. A seguinte, segundo o anúncio, ocorreria no dia 21 desse mesmo mês, apresentada pelo sr. Spártaco Vizzoto, sobre o tema "Higiene mental na infância", e ambas foram antecedidas de exibições de filmes relacionados aos temas⁶².

Esses cursos são indicativos de características próprias assumidas pela militância nesse período: a "higiene mental", ou seja, a psicologia, era tida como uma prática "científica" de libertação da mente humana das amarras do sistema capitalista, um combate à alienação provocada por esse sistema e que, portanto, poderia possibilitar a libertação pessoal do indivíduo.

Em agosto de 1949, o Centro anuncia que "tendo em vista difundir gratuitamente a cultura nos meios populares", o Centro de Cultura Social com a colaboração do Centro de Estudos Franco da Rocha e da Universidade Popular Presidente Roosevelt, havia organizado um novo curso de Higiene

⁵⁸ AP, 24/03/48.

⁵⁹ AP, 02/06/48.

⁶⁰ AP, 01/05/48.

⁶¹ AP, 01/05/50.

⁶² AP, 15/07/47.

Mental, cujas aulas estariam a cargo de "ilustres médicos psiquiatras do Hospital do Juqueri". No dia 6 de agosto foi apresentada uma palestra sobre o "Valor da higiene mental" pelo Dr. Hilton Neves Tavares, e todas as palestras foram realizadas no salão do Centro Galego, que se encontrava na rua Jairo Góis, número 38, que também estava colaborando ao ceder o salão da sua própria sede⁶³.

Além dos cursos, também foram bastante desenvolvidos, nesse segundo período, os festivais. Os seus objetivos, porém, eram praticamente os mesmos da fase anterior, ou seja, arrecadar fundos ou para o jornal, ou para algum companheiro necessitado de apoio, como foi o caso do festival realizado em solidariedade ao "companheiro" Raul Vital, que se encontrava em Campos do Jordão fazendo tratamento de saúde, anunciada como "seriamente abalada". O anúncio afirmava que o festival, realizado no dia 26 de junho de 1948, teve êxito "satisfatório". O comentário enfatiza que a parte teatral, a cargo do Grupo do Centro de Cultura Social, havia tido um grande desempenho, que agradou "totalmente"; o salão do Grêmio Dramático Hispano-Americano tinha ficado literalmente "*cheio de camaradas e de pessoas que desejavam amenizar o mal do companheiro Raul Vital, levando-lhe a solidariedade humana de seus sentimentos*"⁶⁴.

Os anúncios e comentários de festivais, nessa fase, não são tão numerosos quanto os de cursos e conferências. Em 1947, foi programado um festival para a comemoração do 1º de Maio no salão do Grêmio Dramático Hispano - Americano, provavelmente por se esperar um grande número de pessoas. E, em dezembro, foi anunciado um festival com peças a cargo do Grupo Dramático do Centro de Cultura Social, no mesmo salão, com a seguinte programação:

- "1a. PARTE: 'Viva Rambolot'- peça em um ato, de Gigi Damiani.*
- 2a. PARTE: 'A Derrocada' - comédia social em um ato, de Volney;*
- 3a. PARTE: Ato variado, no qual tomarão parte artistas e amadores que se têm distinguido nos festivais promovidos pelo Centro.*"⁶⁵

⁶³AP, 06/08/49.

⁶⁴AP, 16/07/48.

⁶⁵AP, 15/12/47.

Além disso, alguns espetáculos teatrais, que tiveram muito sucesso no Centro de Cultura Social, foram repetidos em festivais libertários. Na noite de 26 de abril de 1949, foi rerepresentado o drama *Os Mortos*, do dito teatrólogo libertário Florencio Sanches, nascido no Uruguai e radicado em Buenos Aires, onde havia morrido ainda jovem, "vitimado" pela tuberculose. Segundo o comentário, a peça havia conseguido um grande êxito, tanto em termos de público, que teria lotado literalmente o "espaçoso" salão do Grêmio Dramático Hispano-Americano, quanto pelo corpo de amadores, que vinha se "*superando cada vez mais em suas interpretações. É notável o progresso deste harmonioso conjunto de amadores*"⁶⁶. Jaime Cubero ressalta as características militantes das apresentações teatrais:

*"É claro que, de uma maneira geral, havia um certo maniqueísmo, porque o trabalhador era sempre bom, o patrão era sempre o vilão, explorador. As peças anticlericais mostravam a Igreja defendendo sempre os interesses do capitalismo explorador."*⁶⁷

Em outubro de 48, o Centro anuncia um festival com a representação da comédia *Tabu*, em três atos, de Francisco Sobrado, com versão livre de João Bastos, seguida de números de canto, música e declamação.

Nesse próximo espetáculo teatral, comentado no jornal, a empolgação com o desempenho dos atores foi grande. A atuação da jovem Dorinha Valverde Dias, que representou na peça o papel de um menino, é elogiada com grande entusiasmo, e foi um dos primeiros espetáculos a contar com a atuação de Jaime Cubero. Tratava-se de uma peça de W. Somerset Maughan que já tinha sido aproveitada pelo cinema argentino e exibida nas telas do Brasil, onde havia despertado "os maiores comentários". Foi encenada pelo Grupo Dramático do Centro de Cultura Social, sob a direção do companheiro Pedro Catallo e que teve como intérpretes os seguintes militantes:

"Maurício - Cecílio Dias Lopes; Dr. Harvester - Guido Mezzetti; Stevens - Luís Chandio; Fred - Francisco Cuberos; Ponto: Hermano Mezzetti; Mme. Fabret - Maria V. Dias; Stela - Nena

⁶⁶AP, 01/05/49.

⁶⁷Jaime Cubero, op. cit., 29 de outubro de 1994.

Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo (1933 -1935 e 1947-1951)

*Valverde; Miss Wayland - Gessy Visini; Um criado - Jaime Cubero; Direção - Pedro Catallo (...).*⁶⁸

Um dos últimos festivais anunciados antes do encerramento da publicação de *A Plebe*, foi o que continha essa peça teatral, da autoria de Pedro Catallo, *A Insensata*, realizada no dia 30 de dezembro de 1950. Esse festival foi organizado pelo Grupo do Teatro de Cultura Social entre os quais vinham proporcionando "excelentes noitadas de arte às famílias dos companheiros que freqüentam as nossa reuniões"⁶⁹. Algumas peças tendiam a se tornar "clássicas" para o movimento, como o *Primeiro de Maio*. Jaime Cubero afirma:

*"Todo primeiro de maio tinha uma manifestação e a famosa peça Primeiro de Maio. Eu dizia que o Primeiro de Maio era a nossa Paixão de Cristo, todo ano nós levávamos a mesma peça. Então as mesmas pessoas iam assistir à mesma peça, mas assistiam com paixão também, a mesma coisa que o cristão assistia Paixão de Cristo, todo ano na semana santa, a gente assistia o Primeiro de Maio."*⁷⁰

Enfim, essas são as características das atividades desenvolvidas nesses dois períodos. E apesar de indicarem certas mudanças em termos de tipos de práticas desenvolvidas, nota-se que o seu caráter e o seu discurso manteve-se substancialmente.

O CENTRO DE CULTURA SOCIAL E A MEMÓRIA DO MOVIMENTO ANARQUISTA.

A realização de festivais, piqueniques, reuniões, grupos teatrais e conferências eram práticas típicas dos libertários, pois a cultura sempre foi

⁶⁸AP, out./50.

⁶⁹AP, jan./51.

⁷⁰Jaime Cubero, op. cit., 10 de dezembro de 1994.

entendida nesse movimento como um instrumento que deveria ser utilizado para a conquista da transformação social que levaria à constituição de uma sociedade anárquica.

O movimento sofreu o afastamento sistemático das organizações operárias apesar de, ideologicamente, defender a necessidade das associações autônomas. Por essa razão, os libertários foram intensamente críticos à política de sindicalização promovida pelo Estado e apoiada por outras correntes de esquerda. A partir dessa situação, o campo cultural, que já era desenvolvido pelos grupos anarquistas, acabou concentrando cada vez mais, da primeira para a segunda fase, a atenção e a atuação dessa militância.

Ao comparar as práticas dos dois períodos citados, podemos delimitar melhor os rumos dessa militância, percebendo que, entre a primeira e a segunda fase, ocorreram algumas mudanças nas atividades desenvolvidas. As mudanças ocorreram essencialmente na ênfase atribuída a algumas temáticas abordadas. Não obstante, os libertários conservaram, quase sem alteração, o conteúdo de seus discursos e o tipo de atividades e manifestações que realizavam.

Na primeira fase, os militantes libertários desenvolviam principalmente práticas anarco-sindicais, através da "ação direta" junto à sociedade e às organizações sindicais livres, participando de protestos e greves de categorias operárias por reivindicações libertárias ou simplesmente trabalhistas. Esses militantes promoviam também atividades de propaganda dirigidas a um público trabalhador, como as próprias temáticas indicam, apesar de, mesmo nos anos trinta, já iniciarem um contato com outros setores da sociedade. Também é nessa fase que a atuação anarquista se direcionou contra os movimentos autoritários, como o integralismo no Brasil e contra o governo de Vargas.

Na segunda fase, essas práticas tornaram-se essencialmente educativas. O grupo investiu principalmente na organização de cursos, na grande maioria das vezes de Esperanto e Higiene Mental, caracterizando uma diminuição da temática sindical e um direcionamento a um público universitário e de classe média. Torna-se visível a intenção de se oferecer uma cultura e um ensino alternativos aos oficiais, além de se divulgar e manter vivos os ideais anarquistas, através também, do contato com uma nova geração de libertários que se formou essencialmente nesse espaço do Centro de Cultura, principalmente os "jovens" do Grupo Teatral. No entanto, podemos perceber que as atividades como palestras e festivais com

apresentações teatrais, e a abordagem que os militantes efetuaram sobre os temas permanecem entre uma fase e outra.

No final dos anos 40, o novo perfil do Centro de Cultura já se encontra distante do movimento operário e sindical, voltando-se à "educação popular", uma cultura e arte alternativas em relação ao que era oferecido oficialmente, o que constituiu um objetivo do Centro. Segundo Jaime Cubero:

"A grande preocupação do Centro de Cultura foi sempre essa, de procurar desenvolver, no meio dos trabalhadores, uma educação e uma cultura não institucionalizada, no sentido de formar uma consciência crítica nas pessoas, analisando por si mesmas a realidade em que estão inseridas."⁷¹

Por fim, o Centro de Cultura acabou por constituir um espaço responsável pela conservação e construção da memória e da história do Anarquismo no Brasil. Pois, com as atividades que desenvolveu no período analisado, o Centro de Cultura pode ser considerado um dos responsáveis pela manutenção do debate e divulgação, não só dos ideais libertários, mas da própria história do movimento anarquista.

Toda a prática de cursos e conferências constituiu uma alternativa importante ao ensino institucionalizado e à cultura e informações divulgadas por órgãos oficiais ou por outras correntes ideológicas. As atividades de encontro, lazer e debate de seus sócios e simpatizantes, construíram e formaram uma outra geração de libertários, outros militantes como Jaime Cubero, o qual continuou atuante no Centro até pouco antes de sua morte.

A participação do Centro de Cultura na luta contra o avanço do Integralismo no Brasil foi relevante, pois a organização e a formação de algumas "frentes únicas" antifascistas foram irradiadas desse que foi a sede do movimento libertário em São Paulo.

Além disso, o Centro procurou denunciar as medidas populistas de Vargas, o Ministério do Trabalho e a Legislação Trabalhista. Os libertários estavam sempre repetindo que as leis trabalhistas haviam sido conquistadas

⁷¹ Jaime Cubero, op. cit., 29 de outubro de 1994.

pelos trabalhadores em luta, e que não eram um "presente" do governo. Com extrema lucidez, profetizavam o desfecho dos regimes autoritários como o nazismo e o fascismo na Europa, denunciando a repressão e o terror por eles empregados. Mas protestavam, também, contra o autoritarismo de "esquerda", o bolchevismo, contra a "ditadura do proletariado" e a manutenção do Estado no governo soviético.

Os cursos de higiene mental, esperanto e português também contestavam o ensino e informação institucionalizados, fornecendo uma alternativa, gratuitamente. As conferências e as apresentações teatrais se consolidaram nas duas fases do Centro de Cultura. O teatro foi o grande orgulho dos militantes do Centro. A expressão artística dos militantes causou a admiração dos companheiros, e constituiu uma experiência marcante na vida desses indivíduos.

Com este trabalho, buscamos contribuir para o debate que contesta a idéia de que o movimento anarquista se extinguiu no final dos anos 20 no Brasil. Através da realização de um levantamento das práticas desenvolvidas pelos anarquistas de São Paulo, a partir da fundação do Centro de Cultura Social em 1933, tentamos demonstrar que esses militantes continuaram ativos, por um longo tempo, na defesa e propaganda de seus ideais.

O Centro constitui uma fonte para um estudo muito mais vasto e detalhado sobre o movimento libertário em São Paulo, por ter constituído o ponto de encontro desses militantes anarquistas, e um dos únicos lugares nas décadas de trinta e quarenta, onde eles podiam se reunir e se organizar.

Enfim, através de muita obstinação, esses militantes combateram a sociedade capitalista e enfrentaram as dificuldades mais latentes, como a financeira e as repressões políticas. E foi nesse espaço que eles continuaram a viver o sonho libertário, no período abordado, buscando atuar na realidade, trazendo alternativas à sociedade, e não se calando frente às arbitrariedades governamentais, fazendo do Centro a sede do movimento anarquista na cidade de São Paulo.

Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo (1933 -1935 e 1947-1951)

FONTE PRIMÁRIA:

A Plebe - periódico libertário, São Paulo, 1933 a 1935, 1947 a 1951.

BIBLIOGRAFIA:

BAKUNIN, M. *Dios y el Estado*. Valência, F. Sempere, s.d.

_____. *O Socialismo Libertário*. S. Paulo, Global, 1979.

BORGES, Paulo E. B. *Jaime Cubero e o Movimento Anarquista em S. Paulo, 1945 - 1954*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1996.

CAMPOS, Cristina H. *O Sonhar Libertário*. Campinas, Pontes/ Ed. da UNICAMP, 1988.

CAPELETTI, Angel J. *A Ideologia Anarquista*. Mósteles, Ed. Madre Tierra, 1991.

COELHO, Plínio Augusto (org.). *Os Anarquistas e as Eleições*. Brasília, Novos Tempos Editora, 1986.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, Graças a Deus*. R. Janeiro, Record, 1986.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. S. Paulo, Vértice, 1990.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão!* São Paulo, Brasiliense, 1984.

JOLL, James. *Anarquistas e Anarquismo*. Lisboa, D. Quixote, 1964.

KHOURY, Yara M. A. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária - imprensa, memória e militância anarco - sindicalistas*. Tese de Doutorado, S. Paulo, 1988.

KROPOTKINE, Pedro. *A Conquista do Pão*. R. Janeiro, Organizações Simões, 1953.

Endrica Geraldo

LITVAK, Lily. *Musa Libertária*. Barcelona, Antoni Bosch, 1981.

MORENO, Giménez. *Mauthausen - Campo de Concentração e de Extermínio*. Ediciones Hispanoamericanas, Brasil, 1ª edição, 1975.

PRADO, Antonio Arnoni (org.). *Libertários no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

RÉMOND, René. "L'anticléricisme militant (1815-1848)." in: *L'Anticlericalisme en France, de 1815 à nos Jours*. Paris, Éditions Complexe.

RODRIGUES, Edgar. *A Nova Aurora Libertária (1945 -1948)*. Rio Janeiro, Achiamé, 1992.

_____. *Os Libertários*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1988.

SEIXAS, Jacy Alves de, *Mémoire et Oubli - Anarquisme et Syndicalisme Révolutionnaire au Brésil: mythe et histoire*. Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1992.

SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e Anarcossindicalismo*. S. Paulo, Ática, 1987.

SIMÃO, Azis. "Os Anarquistas: duas gerações distanciadas". *Tempo Social* - Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 1(1): 57-69, 1º sem. 1989.

SOLOMONOFF, Jorge N. *Ideologias del Movimiento Obrero y Conflicto Social*. B. Aires, Tupac Ediciones, 1988, pp. 191-214.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado - História Oral*. R. Janeiro, Paz e Terra, 1992.

ENTREVISTAS:

CUBERO, Jaime. Entrevistas concedidas por Jaime Cubero, secretário do Centro de Cultura Social de S. Paulo: S. Paulo, em 29/10 e 10/12 de 1994.